



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

PROJETO AFRICANIDADES

Rosane da Silva Gomes

Colégio Pedro II Unidade Tijuca I

asbacantes@gmail.com

Que fez e faz história

Segurando esse país no braço

O cabra aqui não se sente revoltado

Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento

Mas muito bem intencionado

E esse país

Vai deixando todo mundo preto

E o cabelo esticado

Seu Jorge, Marcelo Yuca E Wilson Capellette

O **Projeto Africanidades** do Colégio Pedro II, Unidade Tijuca I tem como objetivo principal resgatar a cultura e história afro-brasileiras que constituem uma parte importante do arcabouço sócio-cultural que forma o povo brasileiro.

Não há como desprezar a pluralidade cultural na atualidade, e que se manifesta em todos os espaços sociais, inclusive nas escolas e nas salas de aula. Essa pluralidade, muitas vezes gera confrontos e conflitos, tornando cada vez mais agudos os desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação. De outra maneira, essa mesma pluralidade pode propiciar o enriquecimento e a criação das possibilidades de atuação pedagógica.

O cenário multicultural se reflete nas nossas salas de aula, influenciando sensivelmente o trabalho que é desenvolvido. É importante que se construa uma abordagem no espaço escolar em que haja a contextualização e a compreensão do processo de construção das diferenças e das desigualdades. Assim, se possibilita uma maior compreensão de como e em que contexto social um determinado conhecimento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

surge e se propaga. Nesse sentido, se faz necessário analisar como um determinado conceito foi construído historicamente, porque se tornou ou não aceito, porque permaneceu ou foi substituído, que tipo de discussões provocou, de que forma promoveu o avanço do conhecimento na área e, ainda, se ocorreu uma diferença de qualidade de vida a grupos sociais que comumente são alijados desse processo.

As desigualdades sociais são decorrentes de uma trama complexa entre o plano econômico, político e cultural. Em todas as partes do mundo observamos grupos majoritários que impõem uma cultura dita superior a toda a sociedade. Dessa forma, os grupos culturalmente dominados, diante da negação do direito de preservar suas características culturais, reagiram, exigindo reconhecimento e respeito a seus direitos, o que levou ao surgimento de movimentos multiculturais. Essa luta cresceu a partir da segunda metade do século XX, quando os grupos subjugados se organizaram social e politicamente para reivindicar os direitos civis.

Por essa razão se fortalece a idéia de repensar a educação em uma perspectiva de pluralidade cultural e de reconhecer e valorizar a importância da diversidade étnica e social, propiciando uma abordagem mais crítica do processo educativo.

Desde os anos 70 houve uma ampliação maciça do acesso à escola, trazendo para dentro do espaço escolar alunos das classes populares. Isso fez com que se agudizasse as discussões sobre a diversidade social e cultural na escola. Sentiu-se a necessidade de promover atividades que proporcionassem iguais oportunidades de educação, integração e justiça social. Essa situação fez com que alguns professores buscassem experiências educativas que os ajudassem a compreender e valorizar as culturas, pensando criticamente a respeito sobre a injustiça social.

A educação preocupada na diversidade cultural tem sido alvo de críticas, tanto de um grupo extremista e como de um grupo conservador. Para os conservadores, a ênfase nas questões étnicas pode propiciar ainda mais as segregações. Para os extremistas, a proposta de uma educação numa diversidade cultural incentiva a mobilização individual ao invés de criar uma mobilidade coletiva, capaz de realmente transformar a realidade. Estes últimos a censuram, ainda, por reduzir soluções para o problema ao âmbito da escola, reconhecendo a necessidade de uma crítica maior em relação aos sistemas de opressão.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em nosso contexto, o desafio que se coloca é de desenvolver uma postura ética de não hierarquizar as diferenças e entender que nenhum grupo humano e social é melhor do que outro. Na realidade, todos são diferentes. Tal constatação e senso político podem contribuir para se avançar na construção dos direitos sociais.

Desta forma, o projeto que estamos desenvolvendo no colégio surgiu no bojo de uma proposta maior da Unidade, em trabalhar no ano de 2010 com a temática **Saber Cuidar**. Este tema surgiu a partir das idéias em torno da formação de uma consciência planetária preocupada com as questões ambientais e sociais, levantadas pelo teólogo Leonardo Boff. Inicialmente, as turmas de 5º ano se envolveram no Projeto **Que se passa pelas ruas?**, conhecendo a história de vida do Profeta Gentileza, assim como de sua arte que era repleta de sentidos solidários.

Muitas das aulas abordaram os agentes que compõem o espaço urbano das ruas, como os grafiteiros, moradores de rua, compositores de rap. Notamos que a realidade de nossa cidade não é homogênea e muito menos livre de embates. Assim, verificamos que muitas das disputas que ocorrem no espaço urbano são provenientes de anos de exploração, injustiça e falta de apoio a uma parcela grande da sociedade que ainda vive em situação de discriminação na atualidade. Desta forma, fomos buscar as razões para esta situação na história do povo brasileiro, descobrindo que em grande parte vivemos esta realidade de injustiça social por causa dos séculos de opressão e escravidão pelos quais o Brasil passou no período colonial.

Durante muitos anos, a história e a cultura do Brasil foram direcionadas pela visão do dominador. O ensino da história do país era sempre abordado pelo viés do branco, do colonizador português. Não se trata, contudo, de refletir sobre a ação do colonizador com uma tendência maniqueísta com o fim de vitimizar o indígena e o africano. A questão priorizada neste projeto foi de reconhecer que todas estas etnias são formadoras de nossa sociedade, dando uma atenção especial ao papel desempenhado pela etnia negra, suas lutas e história na construção da identidade brasileira.

Reconhecemos que a escola tem um compromisso importante na discussão de temas e questões ligados à pluralidade cultural e à diversidade. Esse desafio nos é proposto quando no PCN diz que “valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão do seu próprio valor, promovendo sua



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

autoestima como ser pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas e expectativas indevidas que poderiam ser prejudiciais” (PCN vol. 10, p. 51).

Quando tratamos de personagens históricos como Zumbi dos Palmares e Luís Gama, podemos levar os alunos a refletir sobre a ação desses atores na história brasileira, que quase sempre valorizou as personalidades históricas que exerciam o poder no Brasil. Além disso, tratar das manifestações culturais que tem em sua origem a cultura afro-brasileira faz com que as crianças se identifiquem profundamente com uma realidade que faz parte do cotidiano delas, mas que poucas vezes é valorizado nos bancos escolares.

Uma proposta pedagógica com a perspectiva de construção da cidadania tem de discutir e integrar nas ações cotidianas a diversidade sociocultural. A LDB de 1996 já apontava que os currículos precisavam dar conta das diferentes manifestações culturais. Essa preocupação foi mais salientada com a Lei 10.693 de janeiro de 2003 que incorporou três novos artigos à Lei de Diretrizes e Bases e que tratam do ensino de “História e cultura Afro-brasileira”. O § 1º do artigo 26-A diz respeito ao “estudo de História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do negro nas áreas social, econômica e política à História e do Brasil”. O § 2º diz que todo o currículo deveria tratar do tema, mas estabelece as “áreas de Educação artística e de Literatura e História Brasileiras” como prioritárias.

Todos estes documentos reconhecem que a sociedade brasileira é plural e que negros e índios têm uma participação fundamental em sua constituição. Por esta razão, a diversidade deve ser problematizada em um contexto de relações mais amplas, assim como repensar o conceito de cultura. Cultura e diversidade cultural vão muito além da identificação da existência de diferentes grupos étnico-culturais. Não queremos jamais levar a discussão para uma polarização de negros e não-negros; índios e não-índios.

É o que vimos com a obra de Darcy Ribeiro, o *Povo Brasileiro*, documentário baseado no livro homônimo do sociólogo. Ao mostrar as três matrizes que formam a sociedade no Brasil, o vídeo apresenta um *novo povo, que se enfrenta e se funde na sua constituição*.

Salientamos que a obra de Darcy aponta que as três matrizes (indígena, lusa e africana) nunca mostrou-se única e detentora de uma superioridade sobre as outras em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sua origem. Os indígenas no Brasil eram o resultado de variadas tribos que disputavam entre si a terra; os portugueses (a etnia branca) foram formados também pela influência de vários povos; os africanos viviam em variadas tribos com costumes e dialetos diferentes e já conheciam a prática da escravidão.

Contudo, o ideário que permaneceu e foi propagado pelos descendentes dos grandes senhores, que compõem a classe dominante, ainda leva em si o ranço de achar que a situação social dos negros livres, mulatos e demais mestiços pobres são características da raça. E assim, decorrente desta visão, as práticas pedagógicas não tratam seriamente a questão da má condição social como consequência da escravidão e da opressão. Darcy Ribeiro diz que o preconceito em si não acontece devido à raça e sim à cor da pele. *“A luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi – e ainda é – a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional”*.

O PPP, Projeto Político Pedagógico do Colégio Pedro II afirma que *“[...] a educação deve garantir ao aluno a construção e o exercício da cidadania, o acesso à pluralidade cultural para que possa intervir no mundo de forma responsável, buscando transformar a sociedade”*. Assim sendo, vemos que é importante emprendermos de forma constante uma reflexão acerca da formação étnica e social do povo brasileiro, para que efetivamente possamos contribuir para a construção de uma sociedade em bases éticas, onde interesses coletivos não sejam desconsiderados em função dos interesses individuais ou de uma classe mais abastada.

Pudemos sentir isso de forma contundente ao assistir ao filme *Besouro* e discutir o livro *Ilê Ayê*. Tanto no filme, como no livro, são valorizadas as ações do povo afrodescendente no Brasil, suas lutas para que os negros não fossem discriminados em suas práticas culturais e religiosas, assim como para fortalecer a identidade de um povo livre. Todos somos iguais perante a lei, vimos isso de forma clara a estudar os artigos dos Direitos Humanos, e não há razão para que uma parte da população se sinta marginalizada por sua condição social advinda da cor da pele.

No ano de 2010 finalizamos de maneira significativa o Projeto Africanidades promovendo atividades de caráter multidisciplinar concentradas na semana que antecedeu a comemoração do dia de Zumbi (20 de novembro).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

As atividades foram assim distribuídas, ao longo da semana:

- Quarta-feira dia 17: Oficina de ritmos afrobrasileiros, envolvendo as várias danças e o uso dos instrumentos de percussão, com os dinamizadores Fabio Simões e Marina Maia. Esta atividade proporcionou a oportunidade dos alunos conhecerem e aprenderem a dançar os múltiplos ritmos que têm sua origem na cultura africana, como o jongo, caxambu, maracatu, samba, entre outros.
- Quinta-feira dia 18: Presença de um grupo de capoeira e maculelê que explicou sobre os significados desta luta-dança, como também fez atividades com as crianças, ensinando alguns passos de capoeira para eles. Neste mesmo dia, as crianças apresentaram o maculelê que foi ensaiado nas aulas de música. Na hora da merenda escolar, todos puderam se deliciar com uma farta feijoada, para lembrar um pouco mais das tradições culinárias de origem afrobrasileira.
- Sexta-feira dia 19: Palestra com o professor Jairo sobre a mitologia africana. O professor fez a explanação dos mitos da tradição yorubá, em comparação com a mitologia grega. Esta atividade foi o fechamento de uma série de aulas de Literatura e Artes Plásticas, juntamente com Informática, que tratou das histórias relacionadas à mitologia africana.

Acreditamos que ao longo do ano de 2010, o trabalho desenvolvido com as turmas de 5º ano, ligadas primeiramente à temática de trabalho da Unidade Tijuca I sobre **Saber Cuidar** e depois com o **Projeto Africanidades**, contribuiu muito para a formação de um cidadão mais consciente das realidades que compõem a sociedade brasileira. Da mesma forma, tais discussões auxiliaram para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à capacidade crítica dos alunos, que passaram a ver a situação brasileira com um olhar mais amadurecido e solidário.

Pensamos que assim estamos cumprindo aquilo que nos orienta o texto dos PCNs sobre os objetivos do ensino fundamental, que o aluno seja capaz de:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1997, p. 69)

A escola de hoje precisa encontrar seu caminho para a diversidade, engajando as crianças no mundo das diferenças, preparando-os para ser legítimos cidadãos. Na sala de aula há alunos de diversas culturas, o que requer do professor um olhar diferenciado para seu planejamento, bem como para o currículo escolar, através de adaptações aos conteúdos e atividades desenvolvidas em sala de aula. Também é importante pesquisar a história dos alunos para que o conteúdo a ser estudado esteja de acordo com seus interesses e realidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Compreendemos que ao longo do ano de 2011 se faz necessário um aprofundamento maior dessas questões trabalhadas principalmente com as turmas de 5º ano, para que o projeto se estenda aos demais anos. Por essa razão, resolvemos estudar mais detidamente a história e cultura afro-brasileiras e indígenas, assim como pesquisar iniciativas em todo o Brasil que valorizam a questão da diversidade social no âmbito escolar.

Não desejamos equacionar a diversidade encontrada no ambiente escolar de forma universalista, pois sabemos que as diferenças devem ser respeitadas e não subjugadas a um determinado modelo de vida. É fundamental fazer uma análise mais detalhada da Lei 10.639/03, suas implicações no cotidiano das escolas e como essa lei vem sido aplicada nas salas de aula. Tais implicações não devem se deter somente no espaço escolar, mas serem ampliadas para toda a comunidade atendida pela escola.

A escola não tem se apresentado um espaço democrático e de igualdade, pois sem que perceba repete as relações de dominação e de exploração da sociedade, por meio da exclusão da escola e na escola de alunos/as que não correspondem à identidade desejável, porque vivemos numa sociedade na qual a supremacia é a identidade ditada pelo modelo econômico e cultural ocidental, como afirma Santos (2002).

Acreditamos que é importante que se estabeleça e que se lute por relações horizontalizadas no fazer pedagógico, para que as relações estabelecidas entre professor/a e aluno/a ocorram por meio do diálogo, por contatos de afeto, respeito, cuidado e embasadas em um sólido compromisso técnico e político do professor/a para com a apropriação de saberes significativos por parte dos alunos/as. “A competência técnica científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas” (FREIRE, 2002, p. 11).

As práticas pedagógicas realizadas por meio de um trabalho coletivo priorizam desconstruir um imaginário de repressão. Faz-se necessário repensar o currículo que contando com a participação de todos/as que vivem o dia-a-dia da/na escola num trabalho que não cessa, que não tem regras determinadas, nem fórmulas mágicas. Trata-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

se de um trabalho de pesquisa constante que exige ação-reflexão-ação em uma continuidade, não dando mais espaço para unidades engessadas, pré-determinadas, fixas e homogêneas.

Este trabalho de pesquisa e construção de um currículo diferenciado propicia não só a participação, mas a aprendizagem e a apreensão das peculiaridades do povo afro-descendente valorizando uma cultura que vem sendo desvalorizada e também busca contribuir para a valoração da cidadania multicultural de um povo miscigenado.

Uma exigência, em nosso trabalho é promover o diálogo de saberes, para problematizarmos nossas certezas, nossas verdades, nossa forma hegemônica – mas não única – de conceber e construir a vida. Os povos, que vemos como diferentes, não podem permanecer com a pecha de primitivos e incompletos. Ou seja, a diversidade não pode ser considerada como desviante, aquilo que necessita ser corrigido e nem como algo a ser tolerado. Uma outra exigência é pensarmos a diversidade dentro de um campo político, situada portanto em relações de poder e resistência. Em nossa sociedade disputam diferentes visões de mundo, mas estas relações são assimétricas – há os que possuem o poder de dizer, de nomear, de classificar, de instituir verdades, e aqueles que resistem a imposições e continuam a compor seus diferentes discursos, seus diferentes enredos, suas filosofias de vida.

Entendemos que tal perspectiva precisa ser baseada por ações alternativas, entendidas como aquelas que levam em conta a alteridade e tenham o poder de mudar. Em outras palavras, ações que respeitem verdadeiramente a diversidade político-cultural dos povos e são coerentes com a nova exigência constitucional do “direito à diferença” e do “direito à cidadania plural”, dentro do estatuto maior da autonomia. Ou seja, que, por um lado, possam tratar da diversidade constitutiva da sociedade brasileira, valorizando e apoiando as especificidades e, por outro, tenham o poder de alterar a situação de desigualdade social, possibilitando igualdade de oportunidades.

Em um mundo marcado por ódios e intolerância, é importante abrir as portas para propostas que discutam caminhos plurais que possibilitem o resgate de identidades marginalizadas, ao mesmo tempo em que se identifica o campo de lutas dessas identidades em um contexto de desafio a preconceitos e construção das diferenças de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

um modo mais amplo. Essa pode ser uma possível via de luta, em uma perspectiva articuladora, por espaços sociais, políticos e educacionais menos desiguais e mais valorizadores da pluralidade cultural.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental *Parâmetros Nacionais Curriculares*.
Brasília: MECSEF, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24.
ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para um novo senso comum : a ciência, o direito e a
política na transição paradigmática*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.